



A FEITICEIRA DE ABRIL

Ray Bradbury

Cecy Elliott é uma bruxa norte-americana, mas por ser ainda uma adolescente, é certamente mais inteligente e mais simpática do que a Grande Bruxa e seu clã de malvadas bruxas inglesas. No entanto, Cecy, que se considera um pouco “comum demais, mas também um tanto estranha”, vem de uma família também estranha onde todos possuem poderes supernaturais, que são mantidos em segredo. Os Elliot moram no meio de pessoas comuns, no estado de Illinois, e como todos os seres humanos comuns, também têm ambições e emoções. Cecy tem poderes mágicos realmente fantásticos: ela pode voar, ler os pensamentos das outras pessoas e transformar-se em qualquer coisa, desde uma pedrinha até uma folha de açafraão ou um louva-a-deus. Apesar de seus talentos incomuns, a emoção tipicamente humana que ela deseja mais ardentemente experimentar é o amor — mesmo sabendo que ao se casar com um humano ela perderá todos os seus poderes mágicos. Determinada a conhecer esse sentimento, Cecy decide se transformar em alguém que já tem um admirador, mas ao escolher transformar-se em Ann Leary, as complicações que surgem vão muito além do que ela poderia ter imaginado...

* * *

Cortando o ar abaixo das estrelas, mas acima dos vales, rios, de um riacho aqui e uma estrada acolá, lá ia Cecy, voando feliz e invisível como o vento da primavera, sentindo-se fresca como o ar do crepúsculo sobre os campos orvalhados. Ela se transformou em uma pomba, sentindo suas penas macias como arminho; depois, virou uma árvore e sentiu-se desabrochar e perder suas pétalas quando a brisa soprou. Pousou sobre um sapo verde, sentindo sua pele fria como menta, e a seguir transformou-se em um cachorro sarnento, latindo e ouvindo o eco de outros companheiros em fazendas distantes. E viveu na grama de abril, sentindo a seiva doce subir da terra almiscarada.

“Estamos na primavera”, pensou Cecy. “Vou viver cada criatura do mundo esta noite.”

Assim, ela se tornou um grilo à beira de uma estrada poeirenta e depois sorveu uma gota de orvalho sobre um portão de ferro. Sua mente também voava, adaptando-se rapidamente a qualquer coisa, deslizando invisível, levada pelos ventos de Illinois naquela linda noite de abril quando estava fazendo dezessete anos.

– Quero me apaixonar – disse Cecy.

Quando disse isto, durante o jantar, seus pais arregalaram os olhos e se sentaram eretos em suas cadeiras.

– Tenha paciência – aconselharam eles. – Lembre-se de que você é diferente dos demais. Toda a nossa família é diferente e tem poderes excepcionais. Não podemos nos misturar ou casar com pessoas comuns, pois perderíamos todos os nossos poderes mágicos. Temos certeza de que você não ia querer perder seu poder de “viajar” usando a magia, certo? Então tenha cuidado. Cuidado!

Mas em seu quarto, no sótão, deitada em sua cama com dossel, Cecy passou perfume em seu pescoço e espreguiçou-se,

tremendo de apreensão ao ver uma lua tão branca como leite erguer-se no céu de Illinois, exatamente a lua que tornava os rios brancos como creme e as estradas prateadas.

– É verdade – suspirou ela. – Pertença a uma família estranha, sou um deles. Nós dormimos durante o dia e voamos à noite como pipas negras empinadas ao vento. Se quisermos, podemos dormir no corpo de uma toupeira durante o inverno, sentindo o calor da terra a nossa volta. Posso viver dentro de qualquer criatura – uma pedrinha, uma folha de açafão ou um louva-a-deus. Posso sair deste meu corpo sem graça, mas estranho, e viajar com minha mente para lugares distantes, em busca de aventuras. Agora!

E o vento a carregou sobre campos e planícies.

Ela viu as cálidas luzes de cabanas e fazendas brilhando no crepúsculo colorido.

“Mas não posso me apaixonar sendo eu mesma, porque sou sem graça e diferente dos demais. Talvez eu possa me apaixonar me transformando em alguma outra pessoa”, pensou a menina.

Do lado de fora de uma casa de fazenda, à luz do crepúsculo de primavera, uma jovem com cabelos escuros, com não mais do que dezenove anos, cantava enquanto tirava água de um poço.

Cecy caiu dentro do poço, sob a forma de uma folha verde. Ela se acomodou no musgo junto à parede, olhando para cima na fria escuridão. A seguir, transformou-se em uma ameba, fluando na água, e depois em uma gota d’água. Finalmente, já dentro de uma xícara, sentiu que estava sendo levantada e viu os lábios de uma garota aproximarem-se. Ela pôde ouvir o barulho ao ser engolida.

Cecy olhou o mundo através dos olhos da jovem. Viu suas mãos puxando a corda e escutou todos os sons ao seu redor

através de seus ouvidos. Sentiu um mundo de cheiros novos subindo pelas narinas delicadas e sentiu o coração bater, bater. E a sensação estranha da língua se mexendo enquanto a jovem cantava.

“Será que ela sabe que eu estou aqui?”, pensou Cecy.

A menina sobressaltou-se e olhou para os campos ainda escuros.

– Quem está aí?

Nenhuma resposta.

– É só o vento – sussurrou Cecy.

– É só o vento. – E a garota riu de si mesma, não conseguindo evitar, no entanto, um certo arrepio.

Cecy havia escolhido um bom corpo, o corpo daquela garota. Seus ossos eram de puro marfim, encobertos por uma carne firme. Seu cérebro, assentado em uma cavidade escura, assemelhava-se a uma rosa e a boca tinha um sabor de vinho de cidra. Os lábios firmes abriam-se para mostrar dentes brancos; suas sobrancelhas eram uma bela moldura para o mundo e seu cabelo macio e fino balançava atrás de seu pescoço branco. Os poros da pele formavam uma tapeçaria perfeita. O nariz era arrebitado, e as maçãs do rosto, vermelhas como brasas em chamas. Seu corpo ondulava à medida que se movia e parecia estar sempre cantando, assim como a própria jovem. Estar dentro daquele corpo era como se sentir aquecida pela lareira na sala de um lar, ouvir o ronronar de um gato dormindo, flutuar em águas cálidas de um riacho que flui para o mar sob o luar.

“Gosto daqui”, pensou Cecy.

– O quê?, perguntou a jovem, como se tivesse ouvido uma voz.

– Qual o seu nome? – perguntou Cecy, cautelosamente.

– Ann Leary. – Novamente a jovem sobressaltou-se. – Mas por que estou dizendo meu nome em voz alta?

– Ann, Ann – sussurrou Cecy. – Ann, você vai se apaixonar por alguém.

Como que em resposta a este pensamento, um barulho se fez ouvir na estrada, o som de rodas sobre o cascalho. Um homem alto numa carroça, segurando firmemente as rédeas com seus braços monstruosos, aproximou-se e deu um amplo sorriso para a jovem.

– Ann!

– É você, Tom?

– Quem mais podia ser? – Ele pulou da carroça e amarrou as rédeas na cerca.

– Eu não estou falando com você! – Ann virou-lhe as costas, deixando cair o balde que carregava.

– Não! – gritou Cecy.

Ann estancou. Ela olhou para as colinas e as primeiras estrelas da primavera, e a seguir encarou o homem chamado Tom.

– Olhe o que você fez!

Tom correu para acudi-la.

– Olhe o que você me *fez fazer*!

Ele limpou os sapatos dela com um lenço, rindo.

– Vá embora! – Ela chutou as mãos dele, mas ele simplesmente riu novamente. Olhando do alto, Cecy pôde analisá-lo: o contorno de sua cabeça e o tamanho de seu cérebro, a largura do nariz, o brilho de seus olhos, seus ombros largos e a força de suas mãos, apesar de estarem delicadamente tentando limpar os sapatos de Ann com o lenço. Olhando para baixo, mas por dentro do corpo de Ann, Cecy encontrou as cordas vocais, e forçando a linda boca a se abrir, ela murmurou: – Obrigada.

– Ah, então você *tem* bons modos? – O cheiro de couro em suas mãos junto com o cheiro de cavalo de suas roupas chegou até as delicadas narinas de Ann, e Cecy sentiu sua mente divagar sobre lindos campos noturnos, floridos.

– Não com você, oh, não! – disse Ann.

– Vamos lá, seja educada – disse Cecy. Ela forçou a mão de Ann em direção à cabeça de Tom, mas Ann rapidamente puxou sua mão de volta.

– Acho que estou ficando louca!

– Acho que sim – concordou ele com a cabeça, sorrindo, mas demonstrando sua surpresa. – Você ia me tocar?

– Eu... eu não sei! Vá embora! – Suas bochechas pareciam carvões em brasa.

– Por que *você* não entra? Eu não a estou impedindo. – Tom levantou-se. – Você não teria mudado de idéia? Você vai ao baile comigo hoje à noite? É uma ocasião especial. Depois conto por quê.

– Não – respondeu Ann.

– Sim! – gritou Cecy. – Eu nunca dancei e quero dançar. Nunca usei um vestido longo. Quero dançar a noite toda! Nunca estive dentro de uma mulher, nunca experimentei a sensação de dançar. Meu pai e minha mãe nunca me deixaram. Cachorros, gatos, gafanhotos, folhas, tudo, tudo o mais no mundo eu já vivi. Mas uma mulher, na primavera, nunca, nunca em uma noite linda como esta. Oh, por favor, *nós precisamos* ir ao baile!

E seus pensamentos se expandiram, assim como as mãos se abrem para experimentar luvas novas.

– Sim – disse Ann Leary –, eu vou com você. Não me pergunte por quê, mas vou ao baile com você hoje à noite, Tom.

– Agora corra para dentro de casa, rápido! – gritou Cecy. – Você tem de tomar banho, contar a novidade para seus pais, aprontar seu vestido. Pegue o ferro, rápido, corra para seu quarto!

– Mãe! – gritou Ann. – Mudei de idéia.

* * *

A carroça já se afastava a toda velocidade quando os aposentos da casa de fazenda ganharam vida. A água fervendo para o banho, o fogão a lenha aquecendo o ferro para passar o vestido, a mãe correndo de cá pra lá com vários cliques de cabelo na boca.

– O que fez você mudar de idéia, Ann? Você não gosta do Tom! – disse sua mãe.

– É verdade – concordou Ann em meio a toda aquela atividade febril.

– Mas estamos na primavera! – pensou Cecy.

– Acho que é porque estamos na primavera – disse Ann.

– E vai ser uma linda noite para dançar – disse Cecy.

– ... uma linda noite para dançar – murmurou Ann Leary.

E a seguir ela estava na banheira, envolta em espuma, seus ombros brancos ensaboados e seus braços ensaboando o resto de seu corpo, e Cecy fazendo sua boca abrir-se em um sorriso, forçando-a a fazer uma coisa após outra. Ela não podia permitir nenhuma pausa, nenhuma hesitação, caso contrário seu plano cairia por terra! Ann Leary deveria ser mantida sempre em movimento, ensaboando aqui, massageando ali, vamos lá! Agora, pegue a toalha e seque-se com vigor! Isso! Agora perfume e talco!

– Olhe-se! – E Ann viu-se no espelho, toda branco e rosa, como um ramalhete de lírios e cravos. – Quem você é esta noite?

– Eu sou uma garota de dezessete anos. – Cecy olhou com os olhos cor de violeta. – Você não pode me ver, mas sabe que eu estou aqui?

Ann balançou a cabeça. – Com certeza, meu corpo foi possuído por uma bruxa de abril!

– *Perto*, você chegou *bem perto*! – riu Cecy. – Agora, o vestido!

A fantástica sensação de sentir roupas boas e belas sobre o corpo! E a seguir, a animação que ela sentiu por dentro!

– Ann, Tom chegou!

– Peça para ele esperar um pouco! – Ann sentou-se de repente. – Diga para ele que eu não vou ao baile.

– O quê? – perguntou sua mãe à porta.

Cecy retomou sua atenção. A sensação que sentira com a roupa a havia transportado para fora do corpo de Ann, um lapso quase fatal. Agora ela ouvia o som dos cascos de cavalo e da carroça se aproximando. Por um momento pensara em ir encontrar Tom, entrar em sua mente e experimentar a sensação de ser um homem de vinte e dois anos em uma linda noite como aquela. Tinha começado a voar para ele, atravessando um campo de urzes, mas, como um pássaro preso em uma gaiola, voou rapidamente de volta para a mente de Ann Leary.

– Ann!

– Fale para ele ir embora!

– Ann! – Cecy havia novamente se instalado no corpo de Ann e começou a espalhar seus pensamentos por sua mente.

Mas Ann, decidida, insistia:

– Não! Não, eu o odeio!

– Eu não devia tê-la deixado, nem por um minuto sequer.

Cecy fez seus pensamentos descerem até as mãos da jovem, até seu coração, martelando em sua mente, gentilmente, gentilmente. “*Levante-se*”, Cecy pensou.

Ann se levantou.

– *Vista seu casaco!*

Ann vestiu seu casaco.

– *Agora, ande!*

“Não!”, pensou Ann Leary.

– *Ande!* – comandou Cecy.

– Ann – disse a mãe. – Não faça Tom esperar. Você vai até a sala agora, e nem pense em nenhum disparate! O que está acontecendo?

– Nada, mamãe. Boa-noite. Voltaremos mais tarde.
Ann e Cecy correram juntas para a noite de primavera.

“Um salão cheio de pombas dançando com suas penas macias, faisões mostrando-se, um salão cheio das luzes e olhos do arco-íris”, pensou Cecy. E no centro do salão, Ann Leary dançava, rodopiava, dançava e dançava.

– Oh, que noite *maravilhosa* – disse Cecy.
– Oh, que noite maravilhosa – disse Ann.
– Você está estranha – disse Tom.

A música os envolvia na penumbra, em rios de canções, e eles flutuavam, afundavam, emergiam, elevavam-se no ar, encantavam-se, abraçavam-se como duas pessoas com medo de se afogar, para em seguida rodopiarem novamente, dançando em círculos, sussurrando e suspirando ao som de *Beautiful Ohio*.

Cecy entoava a canção. Os lábios de Ann entreabriram-se e ela cantou.

– Tem razão, estou estranha – disse Cecy.
– Você não parece a mesma – retrucou Tom.
– Não, não esta noite.
– Você não parece a Ann Leary que eu conhecia.
– Não, de jeito nenhum mesmo – sussurrou Cecy, quilômetros e quilômetros distante. – Não, de jeito nenhum mesmo – repetiram os lábios de Ann.
– Estou com uma sensação estranha – disse Tom.
– Sobre o quê?
– Sobre você. – Ele a puxou para si e olhou para seu rosto resplandecente, observando-a atentamente. – Seus olhos – disse ele. – Tem alguma coisa estranha neles, mas não sei o quê.
– Você consegue *me ver*? – perguntou Cecy.
– Uma parte de você está aqui, Ann, mas outra parte não. – Tom a fez girar cuidadosamente, mas parecia pouco à vontade.

- Você tem razão.
- Então por que você quis vir comigo ao baile?
- Eu não queria vir – respondeu Ann.
- Por que então?
- Algo me forçou a vir.
- O quê?
- Não sei! – A voz de Ann soou quase histérica.
- Vamos lá, pare com isso – sussurrou Cecy. – Girando, girando.

Eles continuaram a cantarolar e a viajar pelo salão na penumbra, movidos pela música.

– Mas você *veio* ao baile – disse Tom.

– Sim – disse Cecy.

– Venha comigo. – E ele a levou dançando por uma porta aberta e calmamente a afastou do salão, da música e das outras pessoas.

– Ann – disse ele, tomando as mãos da jovem em suas mãos trêmulas. – Ann. – Mas o modo como ele disse o nome dela era como se estivesse dizendo um nome estranho para ele. Ele continuou a examinar o rosto pálido da jovem, que agora tinha os olhos bem abertos. – Eu sempre te amei, você sabe disso.

– Eu sei.

– Mas você sempre se esquivou e eu tinha medo de me magoar.

– Tudo bem, nós somos muito jovens.

– Não, não é isso; eu quero dizer, me desculpe – disse Cecy.

– O que você *quer* dizer com “me desculpe”? – Tom largou as mãos da moça e ficou tenso.

A noite estava quente e o cheiro da terra subia até onde eles estavam sentados. As árvores respiravam através de todas as suas folhas, uma por uma.

– Eu não sei – disse Ann.

– Ah, mas *eu sei* – disse Cecy. – Você é alto e é o rapaz mais bonito do mundo. E esta noite está linda, uma noite que lembrarei para sempre por estar com você. – Ela fez a mão fria de Ann se mover em direção à mão relutante de Tom, forçando-a a segurar a mão do rapaz firmemente.

– Mas – disse Tom, piscando – esta noite, uma hora você está aqui e outra você está em outro lugar. Uma hora você se comporta de um modo e, no minuto seguinte, de outro modo completamente diferente. Quando a convidei, eu queria trazê-la ao baile para lembrarmos os velhos tempos, mas nada além disso. Mas hoje cedo, quando estávamos em frente ao poço, senti que algo havia mudado, algo em você havia mudado muito. Você estava diferente. Havia alguma coisa nova, doce em você, alguma coisa... – Ele tentou encontrar a palavra. – Sei lá, não sei o quê. Talvez o seu jeito, alguma coisa na sua voz. E agora sei que estou apaixonado por você.

– Não – disse Cecy. – Você está apaixonado *por mim*.

– Mas eu estou com medo de me sentir assim novamente – disse ele. – Eu sei que você vai me magoar novamente.

– Talvez – disse Ann.

“Não, não, eu te amaria com toda a força do meu coração!”, pensou Cecy. – Ann, diga isto a ele, diga isso por mim. Diga que você o amaria com toda a força do seu coração.

Mas Ann permaneceu em silêncio.

Tom aproximou-se e segurou o queixo da jovem.

– Eu vou embora daqui. Arranjei um emprego em outra cidade. Você vai sentir saudades minhas?

– Sim – disseram Ann e Cecy.

– Posso te dar um beijo de despedida?

– Sim! – disse Cecy antes que Ann dissesse qualquer outra coisa.

Tom colou seus lábios àquela boca estranha. Ele a beijou, mas estava tremendo.

Ann permanecia sentada como uma estátua.

– Ann! – disse Cecy. – Mexa esses braços, abrace-o!

Mas Ann permaneceu sentada, como uma boneca entalhada na madeira à luz da lua.

Novamente, Tom beijou seus lábios.

– Eu te amo – sussurrou Cecy. – Eu estou aqui, é a mim que você vê quando olha nos olhos dela! E eu vou te amar, mesmo que ela não te ame!

Tom afastou seus lábios dos de Ann e sua expressão era a de um homem muito, muito cansado, como se tivesse corrido quilômetros. Ele sentou-se a seu lado.

– Eu não entendo o que está acontecendo. Por um momento...

– Sim? – disse Cecy.

– Por um momento eu pensei... – Ele cobriu os olhos com as mãos. – Não importa. Posso te levar para casa?

– Por favor – disse Ann Leary.

Ele incitou o cavalo, segurou as rédeas como se estivesse realmente cansado, e conduziu a carroça. Eles sacolejavam a cada movimento da carroça sob o luar daquela noite linda, ainda cedo, pois eram somente onze horas, com os campos brilhantes de orvalho exalando o cheiro adocicado de cravo-da-índia ao lado da estrada.

E Cecy, olhando para os campos, pensou... “Teria sido bom, eu teria dado tudo no mundo para ficar com ele desta noite em diante.” Ela escutou a voz de seus pais novamente, ao longe: “Tenha cuidado! Você quer perder todos os seus poderes mágicos ao se casar com um mero mortal? Tenha cuidado, não vale a pena.”

Mas, “Sim”, pensou Cecy, “valeria a pena. Eu abriria mão de todos os meus poderes mágicos, aqui e agora, se Tom me

quisesse. Eu não precisaria vagar pelas noites, ou viver dentro do corpo de pássaros, cães, gatos e raposas. Eu só precisaria ficar com ele. Só com ele.”

Eles continuaram seu caminho, sacolejando.

– Tom – disse Ann finalmente.

– O quê? – respondeu ele, sem tirar os olhos da estrada, do cavalo, das árvores, do céu e das estrelas.

– Se, em algum momento nos próximos anos, você for a Green Town, em Illinois, pode me fazer um favor?

– Talvez...

– Você me faria o favor de visitar uma amiga minha? – Ann proferiu estas palavras parando após cada uma delas, hesitante.

– Por quê?

– Ela é uma grande amiga e eu falei de você para ela. Eu vou lhe dar o endereço, espere um pouco. – Quando a carroça finalmente parou na frente da casa da fazenda, Ann pegou um lápis e um pedaço de papel de dentro de sua bolsa e escreveu à luz da lua, apoiando-se em seu joelho. – Aqui está. Você consegue ler?

Tom olhou para o papel e concordou com a cabeça, surpreso.

“Cecy Elliott, Willow Street, 12, Green Town, Illinois”, ele leu.

– Promete visitá-la algum dia? – pediu Ann.

– Algum dia, quem sabe.

– Promete?

– O que isso tem a ver com a gente? – disse ele agressivamente. – Por que eu vou querer um nome em um papel? – Ele amassou o papel em uma bola e o enfiou no bolso do casaco.

– Oh, por favor, prometa! – implorou Cecy.

– ... prometa... – disse Ann.

– Está certo, eu prometo, mas, agora, me deixe ir em paz! – ele gritou.

“Eu estou muito cansada”, pensou Cecy. “Não posso mais ficar aqui. Tenho de ir para casa, pois sinto que estou enfraquecendo. Só tenho poderes suficientes para ficar fora por algumas horas durante a noite, viajando, viajando. Mas antes de partir...”

– ... antes de partir – disse Ann.

Ela beijou os lábios de Tom.

– E sou *eu* quem está te beijando – disse Cecy.

Tom a afastou de si e olhou bem dentro dos olhos de Ann Leary. Ele nada disse, mas seu rosto pareceu relaxar, lentamente as linhas de tensão foram desaparecendo, sua boca também relaxou, e ele olhou novamente, atentamente, para o rosto iluminado pelo luar.

Então ele a ajudou a descer da carroça, e sem ao menos dar boa-noite afastou-se rapidamente.

Cecy deixou o corpo de Ann.

Ann Leary, gritando, sentindo-se como que libertada de uma prisão, correu para casa e bateu a porta.

Cecy ainda passeou um pouco. Através dos olhos de um grilo, ela pôde ver o mundo contido em uma noite de primavera. Pelos olhos de um sapo, ela permaneceu sentada em silêncio admirando um lago. Através dos olhos de um pássaro noturno, ela admirou o mundo abaixo, pousada no alto de um galho de um elmo, e viu as luzes apagarem-se em duas fazendas, uma mais próxima e outra à distância. Ela pensou em si mesma e em sua família, em seus estranhos poderes e no fato de ninguém em sua família poder casar-se com nenhuma das pessoas deste vasto mundo além das colinas.

– Tom? – Sua mente enfraquecida voou sob a forma de um pássaro noturno por entre as árvores e acima dos campos de mostarda selvagem. “Você guardou o papel, Tom? Você virá me ver algum dia, algum ano, alguma hora? Você vai me conhecer,

então? Você vai olhar no meu rosto e lembrar quando foi a última vez em que me viu, e então me amará como eu te amo, com todo o meu coração, para sempre?”

Ela pairou no frio ar noturno, a milhares de quilômetros de distância das cidades e das pessoas, acima das fazendas, continentes, rios e montanhas. — Tom? — sussurrou ela ternamente.

Tom estava dormindo. Já era tarde da noite; suas roupas estavam sobre cadeiras e também dobradas cuidadosamente aos pés da cama. E ao lado de uma de suas mãos, sobre o travesseiro, um pequeno pedaço de papel com algo escrito. Lentamente, bem lentamente, milímetro após milímetro, seus dedos o alcançaram e fecharam-se, segurando-o firmemente. E ele nem se mexeu ou sequer percebeu quando um belo pássaro negro bateu suavemente no vidro da janela, pousou por um momento e em seguida levantou vôo para o leste, viajando sobre a terra adormecida.

* * *

RAY BRADBURY é hoje um dos mais proeminentes escritores de literatura de fantasia em todo o mundo. Ele freqüentemente usa os cenários de sua própria infância no Meio Oeste norte-americano como inspiração para suas histórias mais extraordinárias. Ainda criança em sua cidade natal, Waukegan, Ray sempre gostou de ir a *shows* de magia e ao circo, e nunca esqueceu alguns personagens memoráveis, como o Mago Blackstone e Mr. Elétrico, um homem incrível que usava um capuz de veludo preto, sentava em uma cadeira elétrica e fazia faíscas azuis saírem de seus dedos, narinas e dentes. Certo dia, Ray encontrou-se com Mr. Elétrico e confidenciou-lhe sua ambição de se tornar um grande mágico. Mas o jovem Ray e sua família se mudaram para Los Angeles, onde ele começou a escrever e a desenhar sobre os eventos de magia que assistira em sua infância. Publicou contos como “Corpse

250

Carnival”, “The Black Ferris”, “The Last Circuit” e diversos romances, entre eles *O homem ilustrado*, *Algo sinistro vem por aí* (Bertrand Brasil, 2006); e seus dois livros juvenis: *Switch on the Night*, lançado em 1955, e *The Halloween Tree*, publicado em 1972. Com seu talento, não é de surpreender que alguns admiradores seus o considerem “um mágico com as palavras”.